

ORDO FRATRUM MINORUM

# A NOSSA VOCAÇÃO ENTRE ABANDONOS E FIDELIDADE

Subsidio preparado  
pela Comissão para o “Serviço  
de Fidelidade e Perseverança”



ROMA 2019



ORDO FRATRUM MINORUM

**A NOSSA VOCAÇÃO  
ENTRE ABANDONOS  
E FIDELIDADE**

Subsidio preparado  
pela Comissão para o  
“Serviço de Fidelidade e Perseverança”

ROMA 2019

Obras de arte de Fr. Joseph Quan OFM  
Por gentil concessão da Província de São Francisco de Assis, Vietnam

Escritório de comunicações OFM  
Via di Santa Maria Mediatrice, 25  
00165 Roma, Italia - [www.ofm.org](http://www.ofm.org)  
© 2019

# INTRODUÇÃO

## 1. *Viver a própria vocação em um contexto de incerteza*

As mudanças culturais e o progresso técnico dos últimos decênios abriram, sem dúvida, novos horizontes e novas possibilidades, mas também reforçaram uma sensação difusa de incerteza no que diz respeito ao futuro das nossas sociedades. Enquanto muitos dos frades cresceram em um mundo ainda essencialmente previsível ou, pelo menos, com riscos calculáveis, os que entraram nos últimos decênios tiveram que confrontar-se desde o início com uma superabundância de propostas em uma sociedade com poucos pontos de referência estáveis. Viver a sua vocação em um contexto marcado pela incerteza coloca-os diante de novos desafios: “Em algumas partes do mundo, vivemos imersos em uma ‘cultura da indecisão’, que considera impossível ou até mesmo insensata uma escolha por toda a vida. Em um mundo onde as oportunidades e as propostas aumentam exponencialmente, torna-se espontâneo reagir com escolhas sempre reversíveis, mesmo que isto implique em uma contínua mortificação do desejo”<sup>1</sup>. A tendência a uma “paralisia de decisão” não diz respeito somente aos jovens, mas também aos adultos que não sabem mais transmitir a beleza de uma fidelidade por toda a vida. A sensação de precariedade entre os jovens reforçou ulteriormente certa desconfiança diante das instituições (compreendida também a Igreja) que, por isso, não conseguem conquistar a confiança das novas gerações e dialogar de maneira credível com elas, sobretudo no que se refere às inquietudes delas.

## 2. *Objetivo deste texto*

Este subsídio foi preparado pela Comissão para o “Serviço de Fidelidade e Perseverança” desejada pelo Capítulo Geral de 2009 e

---

<sup>1</sup> Papa Francisco, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Instrumentum laboris. XV Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos (2018), n. 61.

reconfirmada pelo de 2015 (Decisão n. 6). Na redação destas páginas, teve-se presente o caminho desenvolvido no sexênio 2009-2015, que foi apresentado com um relatório ao Capítulo Geral de 2015, no qual se apresentavam sinteticamente algumas hipóteses de interpretação do fenômeno dos abandonos e algumas sugestões para reagir de modo construtivo. Este subsídio propõe o objetivo de refletir sobre o fenômeno dos frades que decidem abandonar a Ordem e, sobretudo, sobre as motivações que acompanham esta decisão. A partir da convicção de que também os frades que permanecem na Ordem são interpelados por esta realidade, são propostas pistas de reflexão e também percursos formativos que possam ajudá-los a conhecer e interpretar estes dados e sobretudo a encorajá-los em sua fidelidade e perseverança.

I

# UM OLHAR SOBRE OS DADOS



Nesta primeira parte, queremos ficar no âmbito da descrição dos dados e da sua interpretação somente para COMPREENDÊ-LOS, não ainda para individuar os núcleos problemáticos e refletir sobre eles (este será o passo seguinte).

### 1. *Os abandonos durante os 15 anos transcorridos de 2003 a 2017*

Fizemos antes de tudo uma tabela dos dados estatísticos em nossa posse sobre os abandonos durante os 15 anos transcorridos de 2003 a 2017, indicando tanto o número das saídas da Ordem dos frades em formação inicial (total) como o dos professos solenes, com as precisões ulteriores que estão presentes na fonte por nós usada, ou seja, as nossas estatísticas oficiais, comunicadas à Santa Sé e publicadas anualmente pela *Acta Ordinis*.



Ano	Que saíram na formação inicial (Noviços, professores temporários)	Professos solenes leigos que saíram	Professos solenes leigos com opção clerical que saíram	Professos solenes diáconos permanentes que saíram	Professos solenes sacerdotes que saíram e continuam ministério na diocese	Professos solenes sacerdotes que saíram e abandonaram o ministério	Professos solenes que saíram (total)
2003	246	19	20	1	32	24	96
2004	326	28	16	3	30	18	95
2005	256	17	21	1	39	20	95
2006	282	18	24	1	30	20	98
2007	222	28	17	1	30	18	94
2008	236	17	12	1	26	31	87
2009	212	17	8	2	30	23	80
2010	190	14	12	1	24	33	84
2011	222	18	9	3	24	13	67
2012	183	19	6	3	33	17	78
2013	209	9	3	2	25	20	59
2014	155	15	6	1	20	19	61
2015	181	17	7	-	15	13	52
2016	221	14	6	-	33	21	74
2017	208	13	9	-	17	26	65
Média dos 15 anos	223,2	17,6	11,7	1,3	27,3	21,1	79

Na verdade, os dados não fornecem elementos que permitam fazer uma análise muito aprofundada, mas, utilizando-os, podemos ao menos apresentar alguns destaques.

## 2. *Frades Menores em formação*

A segunda coluna relata os dados das saídas dos frades em formação inicial, considerando tais tanto os noviços como os frades de profissão temporária.

Pode seu útil inserir uma tabela sobre o percentual de saídas anuais dos frades em formação inicial (professos temporários + noviços) com relação ao seu número total nos 15 anos de 2003 a 2017.

Ano	Total de frades em formação	Saídas	Percentual
2003	2367	246	10,5%
2004	2228	326	14,5%
2005	2191	256	12%
2006	2067	282	14%
2007	1990	222	11,2%
2008	1908	236	12,5%
2009	1828	212	11,7%
2010	1799	190	10,6%
2011	1745	222	12,8%
2012	1748	183	10,5%
2013	1769	209	11,8%
2014	1838	155	8,5%
2015	1898	181	9,5%
2016	1881	221	11,8%
2017	1925	208	10,8%
Média	1945	223	11,5%

Deste confronto entre os números anuais das saídas dos frades em formação inicial e o seu número total se tem um percentual de saídas de 11,5% que compreende uma variação do mínimo de 8,5% (2014) ao máximo de 14,5% (2004). A primeira consideração que se deveria fazer diz respeito à aparente queda numérica das saídas dos professos temporários, dos primeiros anos de 2000 com cifras

elevadas, até mesmo acima de 250, aos últimos anos depois de 2015 com cifras menores, em torno e até abaixo de 200. No entanto, é necessário considerar a queda numérica dos ingressos neste mesmo período, que se pode calcular em torno de 18,8%, a que corresponde a queda paralela de cerca de 15,4% nas saídas. Deve-se também observar que as saídas, neste período da vida franciscana, devem ser consideradas ainda um fator “fisiológico”, porque se trata de um tempo dedicado também ao discernimento vocacional (além do aprofundamento da identidade religiosa). No período tomado em consideração por nós não há, portanto, grandes variações nos percentuais das saídas dos frades em formação inicial que se verificam sobre uma média anual de 11,5% do número total.

### 3. *Professos solenes*

#### 3.1 *Frades leigos*

Na primeira tabela que examinamos, os dados da terceira coluna permitem-nos conhecer o número dos frades leigos professos solenes que saíram anualmente da Ordem. Para compreender melhor este dado, deve-se indicar antes de tudo qual é o percentual dos frades leigos sobre o total dos professos solenes da Ordem nos 15 anos examinados por nós.

Ano	Total de professos solenes	Frades leigos professos solenes	Percentual dos frades leigos sobre o total dos frades
2003	13715	2320	16,9%
2004	13567	2282	16,8%
2005	13405	2256	16,8%
2006	13189	2219	16,8%
2007	13040	2180	16,7%
2008	12816	2140	16,7%
2009	12697	2125	16,7%
2010	12448	2077	16,7%
2011	12322	2076	16,8%
2012	12057	2042	16,9%
2013	11976	1985	16,6%
2014	11794	1957	16,6%
2015	11609	1896	16,3%
2016	11421	1851	16,3%
2017	11228	1790	16%

Da tabela examinada resulta que a proporção dos frades leigos com relação ao número dos professos solenes da Ordem no período por nós considerado vai dos 16,9% de 2003 aos 16% de 2017, com uma queda progressiva. Apresentamos agora o percentual de saídas anuais dos frades leigos com relação ao total das saídas dos professos solenes no mesmo período, para poder efetuar um confronto entre as duas tabelas.

Ano	Professos solenes leigos que saíram	Professos solenes que saíram (total)	Percentual dos frades leigos que saíram com relação ao total das saídas
2003	19	96	19,8%
2004	28	95	29,5%
2005	17	95	18%
2006	18	98	18,4%
2007	28	94	29,8%
2008	17	87	19,6 %
2009	17	80	21,2%
2010	14	84	16,7%
2011	18	67	27%
2012	19	78	24,4%
2013	9	59	15,3%
2014	15	61	24%
2015	17	52	32,8%
2016	14	74	19%
2017	13	65	20%
Média			22,36%

Do confronto entre as duas tabelas precedentes, podemos constatar que só duas vezes (e precisamente em 2010 e 2013) os percentuais são coerentes, isto é, o número dos frades leigos que saíram está em torno de 16%. Para todas as outras vezes, (portanto, 13 vezes sobre 15) o percentual das saídas dos frades leigos é superior à dos outros frades professos solenes, às vezes de maneira significativa.

Isto quer dizer que o percentual de frades leigos que saem da Ordem é, em média, superior à dos frades sacerdotes.

### 3.2 *Professos solenes leigos com opção clerical*

Na quarta coluna da primeira tabela aparecem os números das saídas dos “professos solenes leigos com opção clerical”: trata-se prevalentemente dos frades “estudantes” dos últimos anos do curso

institucional de teologia, os quais já fizeram a profissão solene e geralmente depois de algum ano são ordenados sacerdotes. Para estes, a observação mais significativa é que na primeira metade do período considerado (2003-2010) saíram da Ordem em média mais de 16 frades por ano, enquanto no segundo período (2011-2017) a média cai de maneira considerável para menos de 6 ao ano. Certamente, também neste caso, se deve recordar a queda numérica geral dos candidatos. Talvez daí se pudesse deduzir também que isto indica um melhoramento da qualidade da formação inicial.

### 3.3 *Diáconos permanentes*

Para esta categoria há poucas observações a fazer: parece que os pequenos números indicados correspondam à exiguidade do seu número sobre o total dos frades da Ordem.

### 3.4 *Frades sacerdotes*

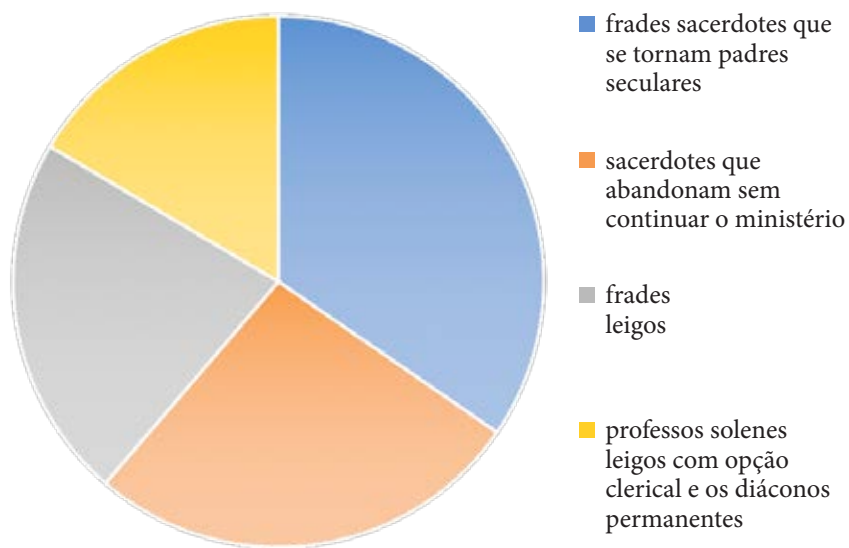
Os dados da sexta coluna da primeira tabela dizem respeito ao número dos frades sacerdotes que abandonaram a Ordem para continuar o ministério em uma diocese, como padres seculares, enquanto na sétima coluna é indicado o número dos frades sacerdotes que abandonam a Ordem para uma escolha de vida radicalmente diferente (matrimônio, convivência, vida livre de compromissos existenciais etc.).

Enquanto a primeira categoria conta uma média anual de pouco mais de 27 frades, a segunda gira em torno de 21 elementos. Isto significa que quase 57% dos frades sacerdotes que saem da Ordem escolhem tornar-se padres seculares. Trata-se, segundo nosso parecer, de um dado muito significativo!

## 4. *Observações conclusivas*

Considerando o número total dos frades professos solenes que saíram da Ordem, podemos sintetizar brevemente assim: a fatia

mais numerosa e significativa (34,6%, isto é, mais de um terço da cifra global) são frades sacerdotes que se tornam padres seculares, pouco mais de um quarto (26,7% são sacerdotes que abandonam sem continuar o ministério, pouco menos de um quarto (22,2%) são frades leigos, e um percentual muito pequeno (cerca de 16,5%) são os professos solenes leigos com opção clerical e diáconos permanentes.







II

PARA  
INTERPRETAR  
OS DADOS



Enquanto na primeira seção buscamos analisar os dados estatísticos em nossa posse, nesta segunda seção tratamos de dar o passo seguinte, mais propriamente hermenêutico, para desenvolver alguma reflexão interpretativa a partir daqueles dados e enuclear alguns temas que nos parecem mais importantes.

Para tal aprofundamento podem ser-nos úteis os dados relativos à percepção dos frades que ficam na Ordem a propósito de alguns temas sensíveis, como a vida fraterna, a vida de fé etc. Em particular, as informações sobre o que foi vivido e sobre as dificuldades deles talvez possam ajudar-nos a compreender quais são provavelmente as motivações que influíram também sobre aqueles que decidiram abandonar a Ordem.

### 1. *Pesquisa sociológica sobre a OFM de 2011-2013*

Fazemos referência à pesquisa sociológica desenvolvida em 2011-2013 sobre uma amostra significativa de 1408 frades da Ordem e publicada em 2013<sup>2</sup>:

RENATO MION sdb., *A Ordem dos frades menores, OFM, diante dos desafios da sociedade se interroga e se projeta. Relatório de pesquisa sobre o estado da Ordem*, Roma, 24 de maio de 2013.

No cap. IX desta pesquisa, intitulado *O hoje da OFM: problemas e perspectivas*, na terceira seção *Sinais de risco e indicadores de crise*, p. 256-260, são elencados os temas que, segundo a percepção dos frades, são os maiores fatores de dificuldade. A seção está dividida em duas partes, uma dedicada sobretudo às dificuldades pessoais, a outra às dificuldades de caráter comunitário. Parece-nos que seja possível partir daqui para a nossa interpretação.

---

<sup>2</sup> Os questionários foram enviados nominalmente a 1500 frades, selecionados para representar proporcionalmente as faixas de idade e o status clerical ou laical dos frades da Ordem; as respostas foram 1408, com um percentual de 93%, julgado muito alto pelos peritos.

## 1.1 *As dificuldades pessoais*

Para as dificuldades de carácter pessoal, relacionadas em particular à própria vida espiritual, remetemos à tabela final (p. 257):

Em síntese, se verifica uma consciência bastante viva dos possíveis fatores negativos e de dificuldade que podem ser considerados como indicadores de crise para a própria vida espiritual.

- O insuficiente cuidado da oração pessoal (41%) constitui o maior risco para a própria vida de fé, acompanhada pela dificuldade concreta de:
- excessiva carga de trabalho (34%)
- escasso apoio de relações interpessoais satisfatórias (30%) de guia espiritual por parte dos superiores.

Aparece claramente realística a percepção de:

- um difuso estilo burguês de vida (26%) que achata e arrisca
- um enfraquecimento sempre maior da própria identidade franciscana (25%), sustentada pela
- pouca compreensão dos superiores (13,5%).

Para uns 10,4%, pode-se concluir também com a não rara hipótese de uma crise de fé.

Como comentário destas observações, podemos levantar a hipótese de que estejam aqui indicados alguns fatores que os frades consideram um risco significativo para a fidelidade e a perseverança. Evidenciamos especialmente os primeiros três fatores: o escasso cuidado da oração, sobretudo a pessoal, a desequilibrada carga de trabalho e as relações fraternas difíceis. Outros temas significativos são o da identidade franciscana, contradita por um estilo burguês, e a dificuldade de relações com os superiores.

## 1.2 As dificuldades de caráter fraterno

Também para as dificuldades de caráter fraterno, trazemos só a síntese final (p. 259-260); na retomada de cada tema, traremos também algum trecho do texto da pesquisa:

Em síntese, das reflexões amadurecidas emerge uma indicação muito evidente de quão urgente é no interior da fraternidade resolver antes de tudo os problemas de relações interpessoais e de identidade vocacional, em particular:

- uma atenção e cuidado urgentíssimo de uma comunicação interpessoal dos frades entre si (horizontal) e com os Superiores (vertical), fluida, fraterna, respeitosa, rica de estima, que sabe gerir e superar os eventuais nós e conflitos, em uma relação dinâmica psicopedagógica, mas também de caridade profundamente animada pela própria vida de fé;
- a necessidade de um esclarecimento sempre mais preciso e aprofundamento da identidade carismática da vocação franciscana OFM, a respeito da qual parece (?) estar em curso uma dinâmica de revisão e inovação (acentuado clericalismo na própria formação e missão (25,4%).
- a inclusão crítica e refletida da perspectiva cultural: especialmente enquanto essa demonstra escassa estima com relação à vida religiosa (19,8%), um entre 5; o que nos faz levantar a hipótese de que paradoxalmente hoje, junto aos jovens, haja uma outra concepção da própria vida consagrada e da própria vocação religiosa, diferente da que inspirou a entrada das gerações precedentes na OFM. Trata-se de uma identidade veiculada também pelas imagens (talvez distorcida) que a publicidade e a cultura hodierna propõem a respeito da imagem do frade franciscano hoje. Por isso, deveria ser tarefa explícita dos formadores oferecer uma visão correta da vida consagrada como resulta dos documentos do Magistério eclesial e, em particular, dos documentos franciscanos;

- o estilo de governo e o exercício ampliado da autoridade, o caráter organizativo e de decisão presentes no interior da fraternidade. De fato, para mais de um quinto de frades, a falta de organização da fraternidade é que mina a própria resposta identitária e vocacional (23,6%), bem como aquela desordem indiferenciada do “tudo é permitido”, papéis indiferenciados, onde talvez a própria autoridade da gestão do todo e das suas articulações específicas não é assumida;
- mais delicada ainda é a não partilha das decisões da fraternidade (21%), exatamente em razão dos efeitos que essas produzem sobre o exercício do voto de obediência e aquele isolamento devido à estranheza das relações fraternas.

A partir destas indicações e dos dados que examinamos, os temas que nos parece oportuno evidenciar são os seguintes:

- Fraternidade: expectativas e desilusões.
- Fé e crise de fé.
- A importância (preponderante?) do ministério; conexo está o tema do trabalho.
- Frades leigos e “clericalismo”.
- O discernimento na formação inicial.
- Relação com a autoridade.

### 1.2.1 *Fraternidade: expectativas e desilusões*

A propósito das causas de mal-estar, a pesquisa sociológica de 2013 afirma que “o fator crucial por excelência denunciado [...] por 46% (= 648) dos frades é constituído pela falta de comunicação interpessoal” (p. 258).

Este dado retorna de maneira “transversal” na dita pesquisa: seja que se fale de oração, de ministério, de vida fraterna ou de castidade,

emerge esta constatação de relações interpessoais carentes ou difíceis.

Também o dado que emerge das estatísticas a propósito das saídas dos frades sacerdotes (mais de um terço dos professos solenes que saem da Ordem o fazem para tornar-se sacerdotes seculares, subindo o percentual de quase 57% se se consideram só os frades sacerdotes) confirma uma desilusão com relação à vida fraterna. Se é verdade que o que diferencia a vida de um padre secular e a de um frade é fundamentalmente a vida fraterna em comunidade, o fato que mais da metade dos frades sacerdotes não renunciam ao celibato e ao ministério, mas decidem continuar “sós”, pode ser lido como uma denúncia do peso ou da inexistência de uma vida fraterna e interpela seriamente a fraternidade universal. No entanto, a este propósito parece oportuno também perguntar-se: quais eram as expectativas deles com relação à comunidade? Só uma pessoa que tem expectativas realísticas pode dar uma contribuição realística para a construção da fraternidade. Neste sentido, não parece correto atribuir todas as responsabilidades à fraternidade: também o indivíduo deve educar as próprias expectativas.

Além disso, é necessário acrescentar que, em alguns casos, a saída da Ordem para tornar-se sacerdote secular denuncia um defeito de discernimento na formação inicial, quando talvez já tenha surgido esta aspiração e não tenha sido suficientemente levada em consideração. É provável ainda que na maioria dos casos o problema não seja este, relativo à formação inicial, mas seja antes um defeito de formação permanente, no sentido que a vida fraterna encontrada nas fraternidades “normais”, depois das casas de formação, não correspondeu às justas expectativas nascidas nas casas de formação. Se isto é verdade, seria uma demonstração do “vácuo” ou diferença existente entre a formação inicial e a permanente.

Em todo caso, continua verdade que a vida fraterna é um ponto qualificante da nossa identidade e, por isso, objeto de grandes expectativas e, proporcionalmente, de grandes desilusões.

### 1.2.2 *Fé e crise de fé*

Entre as indicações da análise sociológica a propósito de causas de mal-estar pessoal, o segundo lugar (41%) diz respeito à denúncia de um cuidado insuficiente da oração pessoal, que vem interpretada como o maior risco para a própria vida de fé. E vem confirmada com “a não rara hipótese de uma crise de fé” (10,4%).

Também as respostas reveladas às causas de mal-estar em nível comunitário apontavam o problema de uma escassa vida de fé e de oração que 24% confirmavam como um dos riscos mais frequentes e perigosos.

Podemos pensar que nos encontramos diante de um dos pontos-chaves e talvez no coração do problema: uma vida que se declara “consagrada” encontra exatamente na fé em Deus o seu sentido e o seu fundamento. A oração, entendida como expressão consciente e declarada da relação de fé com Deus, instrumento indispensável para o crescimento da própria relação, torna-se um dos índices significativos da vida de fé.

Provavelmente um equívoco da formação permanente (e talvez também da formação inicial) seja o de dar por pressuposta a fé, como se a fé fosse um requisito que se pode adquirir uma vez por todas. Como sabemos, pelo contrário, a fé é uma chama que deve ser alimentada cotidianamente e que sempre, em cada etapa da vida, corre o risco de extinguir-se. Isto vale particularmente para os frades que provêm de ambientes familiares ou culturais em que a prática religiosa não faz parte da vida cotidiana, mas representa uma realidade extraordinária e marginal. A dimensão comunitária da fé, imprescindível para todo amadurecimento cristão, assume para estes frades uma importância decisiva. Sem uma prática comunitária de oração e uma partilha da experiência de fé na vida cotidiana em fraternidade, existe o risco que o seu crescimento vocacional seja fortemente obstaculizado, porque falta “húmus”, o terreno para nutrir ulteriormente o seu caminho de fé. A formação intelectual, por exemplo, o ensino do catecismo e o estudo da teologia são, sem

dúvida, instrumentos válidos para dar uma estrutura mais sólida e razoável à fé. Mas, visto que o desafio formativo central é o de uma “compenetração” entre vida relacional e vida cristã (cf. Mc 12, 28-34 e par.; RFF 106), um aprofundamento da fé de tipo teológico-intelectual por si só não pode ser suficiente. Também o ato de fé, que é antes de tudo um ato pessoal, tem igualmente uma dimensão comunitária que poderíamos denominar de “fé partilhada”. Isto se manifesta, por exemplo, na vida de oração que expressa a vida de fé: a experiência ensina que o mesmo frade, passando de uma fraternidade a outra, se encontra a rezar de maneira diferente, melhor ou pior. Se a vida de oração dependesse unicamente da relação pessoal com Deus, sem qualquer relação com a fraternidade concreta em que se encontra, isto não seria justificável: um frade deveria rezar do mesmo modo em qualquer situação. A nossa vida de oração, pelo contrário, e também a nossa vida de fé, não é indiferente ao clima fraterno que pode contribuir para nutri-la ou para extingui-la.

Um modelo de “fé partilhada” é a *lectio divina* em fraternidade, na qual os frades experimentam a beleza de uma partilha da ressonância da Palavra de Deus na sua vida. Outro aspecto é a dimensão estética da fé, de que não se deve descuidar, exatamente em vista da perseverança vocacional: “não bastam – tomadas em si isoladamente – a razão teológica (Deus me chama) ou a razão ética (é um dever fazer isto) para motivar uma escolha vocacional [...], porque é necessária, juntamente com estas, também a razão estética”<sup>3</sup>. A sensibilidade acentuada entre os frades jovens pela “beleza franciscana” na liturgia, oração pessoal, preparação do ambiente etc. pode ser uma sã provocação para todos os frades: não por último, porque nos recorda um dado importante da nossa tradição. Os lugares franciscanos das origens e a liturgia franciscana tiveram frequentemente esta característica: uma simplicidade dotada de beleza “humilde”, encarnada! Um dos desafios no acompanhamento da fé dos frades consiste, portanto, em levar em conta esta nova sensibilidade, mas, ao mesmo tempo, em saber ajudar a dirigi-la a formas simples e sóbrias de beleza, adaptadas à nossa forma de vida.

---

3 A. Cencini, *Con amore*, EDB, Bologna 1994, 47.



### 1.2.3 *Ministério e trabalho*

Um tema que requer atenção parece ser o do ministério sacerdotal e mais geralmente o tema do trabalho, ao qual o ministério sacerdotal pode estar acomunado, sobretudo na perspectiva franciscana.

Entre os dados dos abandonos, o grupo dos frades sacerdotes que deixam a Ordem, mas continuam a exercer o ministério sacerdotal, faz-nos considerar, exatamente a partir de tal decisão, que a identificação com o ministério tenha prevalecido sobre a identificação com a fraternidade. Uma pergunta que somos induzidos a colocar é a da importância do ministério na vida de um frade e mais em geral da relação entre ministério/trabalho e vida fraterna. *En passant*, notamos também que na avaliação da importância do ministério sacerdotal influi também uma formação mais ou menos clerical (mas dela falaremos mais adiante).

Na pesquisa sociológica de 2013, no Cap. II intitulado “Vida de oração e espiritualidade”, à pergunta sobre quais são as dimensões da vida cotidiana que incidem mais negativamente sobre a dinâmica da própria vida espiritual” as respostas oferecem uma resenha dos temas que estamos tratando.

Confirmando o dado que analisamos, no primeiro lugar nas respostas está o insuficiente cuidado da oração pessoal, da meditação, da relação pessoal com Deus (40,8%); no segundo lugar segue, para mais de um terço dos frades, a carga excessiva de trabalho e a rotina cotidiana (34%); no terceiro lugar está a falta de apoio dos confrades e a ausência de boas relações fraternas (30%), que já examinamos. Como tínhamos dito, este último tema da vida fraterna é uma consideração “transversal” que retorna em diversos níveis, com percentuais diferentes, mas sempre significativos.

Queremos aqui aprofundar o tema da excessiva carga de trabalho, que ocupa o segundo lugar; a este propósito trazemos algumas considerações do Cap. II referente ao tema do trabalho (p. 70):

Os que se lamentam da excessiva carga de trabalho (34,8% = 490) são sobretudo os frades que se encontram na faixa intermediária de idade, entre 45 e 65 anos. Constituem quase a metade deste grupo (44,1%), seguidos por 39% da outra faixa dos jovens que vivem a mesma situação.

Uma contraprova deste mal-estar é dada por aquele percentual baixo (16,1%) de anciãos que, estando já fora da luta do cotidiano, ressentem menos este conflito. Analogamente observando os anos de profissão, encontramos uma ulterior confirmação naqueles 53,1% de confrades com menos de 25 anos de profissão com relação aos 45,5% daqueles que os superam. Prevalentemente estes confrades desenvolvem a sua missão nas atividades de apostolado (51,8%) externo em contato com o povo. Estas tendências se confirmam, porque são apenas 14,1% daqueles que não têm cargos de responsabilidade que sublinham este mal-estar, enquanto aqueles que estão envolvidos diretamente em tarefas de governo atingem 32%. Geralmente são frades sacerdotes (70%) cm títulos altos ou muito altos de estudos (37,8%), e exatamente por isso o serviço deles é solicitado nas diversas atividades. Não estão ausentes disto os frades leigos, porque também eles atingem 24,9% dos que se associam a julgar este problema um dos mais difíceis de administrar. Encontramo-lo sobretudo na Europa Ocidental (35,3%) e no centro-sul da América (23,7%). Como conclusão, trata-se de um mal-estar difuso que é necessário que a pessoa aprenda a enfrentar, para tornar-se assim mais capaz de administrar sem traumas estas lacerações espirituais e psicológicas.

A coincidência entre a faixa de idade dos frades que lamentam uma excessiva carga de trabalho com a do maior número de abandonos faz pensar que este seja um fator significativo nas motivações de saída da Ordem. Para alguns frades, trata-se de uma verdadeira e própria “dependência” do trabalho (*work addiction*) que impede o desenvolvimento de outras dimensões igualmente importantes na nossa vida. Quando esta dependência está ligada

ao trabalho particular que é o ministério sacerdotal, uma solução pode ser o abandono da Ordem para dedicar-se exclusivamente ao ministério (ou à própria “patologia”).

Pode-se também notar que são sobretudo os frades da Europa Ocidental e da América Latina que se queixam da uma excessiva carga de trabalho. Podemos perguntar-nos se isto pode estar ligado ao esforço de redimensionar as estruturas e as obras, muito atual exatamente nestas regiões.

#### 1.2.4 *Frades leigos e clericalismo*

Da análise dos dados estatísticos veio à tona que os frades leigos professos solenes abandonam a Ordem com uma frequência proporcionalmente maior do que a dos frades sacerdotes. Este dado pede uma interpretação. Pode-se levantar a hipótese de que indica um mal-estar ligado à crise de identidade, maior no caso dos frades leigos, porque esta não é apoiada pelo ministério sacerdotal que, como vimos no ponto precedente, parece ser o elemento fundamental para muitos.

A isto se acrescenta a importância que resulta da pesquisa sociológica, segundo a qual “um confrade entre quatro evidencia um acentuado clericalismo na formação e missão (25,4%) (p. 258); interessante a observação do prof. Mion, autor da análise, que como salesiano acrescenta “que para nós fica difícil decifrar, talvez por uma terminologia propriamente específica no interior do grupo”. Para um Instituto essencialmente clerical como o salesiano, é difícil decifrar, mas a Ordem franciscana, na qual a identidade sacerdotal não é essencial para a carismática, a observação tem seu preciso significado e faz referência também à posição dos frades na Ordem.

Por clericalismo entendemos uma perspectiva que vê no frade presbítero a “normalidade” da identidade franciscana e que, conseqüentemente, pensa a formação inicial em termos de preparação ao sacerdócio igual ou talvez mais do que de preparação para a profissão perpétua. Nesta perspectiva, é normal que se peça

justificação da própria escolha ao jovem que pede para não se tornar sacerdote, enquanto parece ser “descontado” ou “normal” o itinerário para o sacerdócio. Um sinal deste clericalismo está no fato de que raramente existe uma formação pensada expressamente para os frades leigos, enquanto o percurso de estudos filosofia + teologia, recalcado naquele dos seminários diocesanos, parece ser o modelo “normal”. Portanto, não deveríamos admirar-nos tanto pelo fato que, anos depois, muitos abandonam a Ordem para tornar-se presbíteros diocesanos: em alguns casos (sem generalizar) talvez é finalmente a escolha justa, que podia ter sido feita no início, mas que tinha encontrado em uma formação clerical um álibi para expressar-se claramente.

Deve-se notar também o lento, mas persistente decréscimo de vocações leigas, indicado pela terceira tabela apresentada no início, que mostra como no arco examinado de 15 anos o percentual de frades leigos em relação ao número total dos professos solenes tenha passado dos 16,9% para 16% exatos. Tal diminuição pode ser também interpretada como o sinal de uma inserção nem sempre fácil destes frades na Província, uma espécie de crise de identidade específica do frade leigo no interior das nossas fraternidades, devido a um “desequilíbrio” da nossa presença em direção a uma identidade mais clerical. A diminuição lenta e constante dos frades leigos talvez encontre correspondência também no fato de que alguns países têm um forte crescimento vocacional podem contar com pouquíssimos candidatos a serem frades leigos, porque todos aspiram ao sacerdócio. Tal opção talvez reflita também um desejo de ascensão social e ponha a pergunta de até que ponto está clara para os jovens candidatos a identidade franciscana.

### 1.2.5 *O discernimento na formação inicial*

Um elemento a que já acenamos e que deve ser desenvolvido para compreender melhor o fenômeno dos abandonos é também o do discernimento na formação inicial.

De fato, também as perguntas pedidas pela autoridade eclesiástica no processo para dispensa dos votos religiosos e para a dispensa dos deveres derivados da ordem sacra apontam sobretudo para a verificação da qualidade do discernimento inicial da vocação religiosa ou presbiteral.

Certamente, este elemento é muito importante, mesmo se não deve excluir a possibilidade de que o problema não tenha sido o discernimento inicial, mas a consolidação sucessiva ou simplesmente o cuidado cotidiano da vocação na formação permanente.

Retomamos também para este tema algumas reflexões a partir da pesquisa sociológica, no Cap. V, intitulado “Formação inicial e permanente”, onde se nota um juízo articulado dos frades sobre a formação inicial recebida. Queremos, no entanto, colocar antes a observação de que, neste âmbito talvez mais do que em outros, as respostas não dão sempre um quadro unitário das situações na formação inicial e permanente. Isto torna mais difícil a tarefa da interpretação. Além disso, aqui emerge, talvez de maneira mais evidente, também certo limite da pesquisa sociológica desenvolvida, que se baseia unicamente na autoavaliação dos frades. As respostas elencadas provavelmente espelham o ideal que os frades têm de si. A realidade que emerge das outras respostas ao questionamento e do comportamento depois da formação inicial, de fato, mostra certa incoerência entre o ideal e o que depois se consegue colocar concretamente em prática.

Embora conscientes destes limites, propomos em seguida a parte da síntese deste capítulo dedicada à formação inicial (p 166-168).

Na apresentação dos entrevistados da nossa amostra, o sistema formativo da OFM na fase da formação inicial parece:

1. Responder de modo excelente e prioritário às exigências de abertura, de serviço concreto ao próximo, na caridade e no espírito do Fundador.

2. Na hierarquia das prioridades, emerge com clareza um pentágono de objetivos realizados de modo mais do que satisfatório com relação:
  - ao conhecimento de si,
  - à nova consciência de assumir para si a responsabilidade do próprio crescimento pessoal,
  - ao amor e serviço aos pobres,
  - à consciência de dever construir a fraternidade através da partilha fraterna,
  - à necessidade de tornar-se instrumento de paz.
3. Mas em um segundo nível de realização emerge certa exigência de um maior aprofundamento e de um cuidado muito atento e intenso para a aquisição mais plena de uma série de objetivos referentes à formação de traços particulares de personalidade como:
  - desenvolver uma liberdade madura e corresponsável,
  - respeitar a diversidade no pluralismo das opiniões,
  - saber dialogar com todos,
  - desenvolver o senso crítico razoável.
4. Pelo contrário, são considerados não atendidos e bastante descuidados os objetivos referentes:
  - ao interesse pela formação permanente,
  - à maturidade afetiva,
  - à resolução inteligente e eficaz dos problemas.

### *Carências de caráter mais estrutural*

Ao lado destes problemas que dizem respeito sobretudo à personalidade dos formandos e às suas competências, em um aprofundamento sucessivo emergiram outras carências com características mais estruturais que dizem respeito às qualidades e tipos de relação entre formadores e formandos, às metodologias e estratégias educativas, bem como à sua vivência educativa em relação com a realidade e a própria missão apostólica.

O problema maior e mais preocupante foi individuado na:

- escassa formação dos formadores e
- na escassa formação dos jovens confrades para a vida prática e para a sua missão concreta.

Disto se queixou uma boa metade de confrades, que denunciam a falta de contato com os problemas reais do povo, o isolamento das casas de formação da vida da sociedade e da cultura do contexto, além da escassa atenção aos novos modelos educativos. A tudo isto se acrescenta a que pode ser considerada a causa principal, institucionalmente mais grave, isto é, a ausência de um projeto educativo claro para a formação inicial. Enfim, para certo grupo de frades, a formação inicial não ajuda a preparar-se para a formação permanente.

Se em alguns casos se pode falar de pobreza de meios, de instrumentos e de estruturas para a formação, em outros, bem mais graves, embora menos frequentes, se denuncia um fraco envolvimento no processo educativo tanto dos formadores como dos formandos. Enfim, não estão ausentes situações de conflitualidade entre educadores e educandos.

Com a finalidade de aprofundar este último aspecto formativo relacional, interessava-nos conhecer verdadeiramente o julgamento global que era dado sobre os formadores que os próprios entrevistados tinham tido nas diversas fases da sua

formação. Disto resultou um quadro bastante diferente do denunciado mais acima. De fato, foi avaliado por mais de 4/5 da amostra o empenho sério e competente na sua missão, foram demonstrados verdadeiras testemunhas e mestres de vida espiritual, em um estilo colaborativo de pessoas capazes de trabalhar em equipe. Foi também interessante destacar como, diante deste tempo de mudanças velozes, os formadores foram julgados pelos 2/3 da amostra como pessoas que não julgavam com desconfiança e pessimismo o seu tempo histórico.

No entanto, adquirem uma particular importância, neste conjunto de julgamentos globalmente positivos, as observações mais críticas e mais frequentes provenientes sobretudo da sub-amostra dos frades mais jovens e dos atuais formandos.

O que se pode destacar nestes resultados é, portanto, certa ambivalência que oscila entre o julgamento positivo sobre o empenho pessoal e sobre o testemunho de vida dos formadores e o negativo sobre a preparação deles, como também o aparente contraste entre o julgamento globalmente positivo sobre o sistema formativo e sobre os objetivos que se propõe e o julgamento mais negativo sobre a escassa formação dos jovens confrades à vida prática e à missão concreta deles. Pode-se talvez colher certa incongruência entre o ideal e o real, mais percebida na formação inicial do que em outro lugar.

### 1.2.6 *Relação com a autoridade*

Um último ponto que queremos evidenciar é o da relação com a autoridade.

Retomamos duas passagens da pesquisa sociológica: no cap. IX, já citado, onde se fala dos *Sinais de risco e indicadores de crise* (p. 259), um problema é individuado no *estilo de governo e no caráter organizativo e de decisão* presentes no interior da fraternidade.



“De fato, para mais de um quinto de frades, o que mina a própria resposta identitária e vocacional é a falta de organização da fraternidade (23,6%), aquela desordem indiferenciada do “tudo é permitido”, onde a própria autoridade não assume para si as responsabilidades da gestão, mas é considerada liberal de maneira muito acentuada por 44,9% dos mais jovens com menos de 45 anos (de oito pontos mais alto com relação à correspondente média dos 36,5%), seguidos pelos adultos (33,1%) e pelos 56,9 % dos mais jovens com menos de 25 anos de profissão religiosa e pelas fraternidades de vida prevalentemente apostólica (53%), especialmente na América Central e do Sul (32,5%) com relação ao seu 23,7% de média)”.

Um problema ulterior emerge na parte da pesquisa que analisa as dificuldades referentes ao voto de obediência, no Cap. III “Identidade carismática da vida consagrada na OFM” (p. 115):

(A propósito do voto de obediência) reconhece-se com franqueza a prevalência dos *valores individuais da autonomia pessoal* (36%), ligados às tendências da modernidade. Tem-se, de fato, a clara consciência das dificuldades que hoje vive este voto, *não mais como discernimento da vontade de Deus* (45%), mas só em nome da autossuficiência, do não ter ligações que constringem ou ameaçam a própria liberdade. Percebe-se a falta de comunicação interpessoal profunda com os superiores (31% = 436), bastante correlato com a persuasão de uma sua incapacidade de administrar a autoridade (os superiores são ou muito fracos ou muito autoritários) (32%). É na realidade uma lacuna a que hoje talvez se está oportunamente remediando no interior da vida religiosa com uma adequada preparação dos responsáveis. Também aqui retorna o discurso das relações interpessoais (em parte mais acima percebido) não mais entre os confrades de igual grau, mas mais nas relações verticais de autoridade, que requerem hoje muita e prudente competência na administração da liderança no interior das comunidades também de vida consagrada”.

Reemerge, então, o tema das relações fraternas e das dificuldades correlatas que denominamos “transversais” na pesquisa como também o tema mais específico da administração da autoridade com

a denúncia, sobretudo por parte da faixa mais jovem, do clima em que “tudo é permitido”. É um apelo significativo a uma capacidade de verdadeiro “governo” da fraternidade que deve estar atento às pessoas e ao diálogo com elas, mas que sobretudo deve haver diálogo: parece que a queixa mais significativa diga respeito à ausência de tal governo, mais do que à sua má prática.

## 2. *Outras considerações*

Como dissemos, as observações que fizemos até agora são derivadas sobretudo da pesquisa sociológica publicada em 2013.

Queremos agora acrescentar algumas considerações que nos parecem pertinentes a respeito das prováveis causas de abandono e que não se desenvolveram (ou somente foram apontadas) na pesquisa.

Um elemento ao qual se deve prestar atenção parece a dimensão afetiva, com específica atenção também à esfera sexual. De fato, é verdade que o que dissemos no ponto 1.2.1 a propósito das expectativas e desilusões referentes à vida fraterna tem certamente muito a ver com a dimensão afetiva, mas também é verdade que entre as causas das saídas da Ordem retorna com certa frequência o motivo de um “enamoramento” e/ou de relações sexuais e das suas consequências que não são só o nascimento de um filho, mas também a ligação e as responsabilidades que de tais relacionamentos podem nascer.

Neste âmbito parece ser essencial uma reflexão sobre a maturidade afetiva dos candidatos, mas também dos frades já professos, recordando que também para o equilíbrio afetivo não se pode dar nada como garantido e como definitivamente adquirido. Uma pessoa que passou anos serenos neste ponto de vista e demonstrou em longos períodos da vida uma maturidade afetiva sadia pode entrar em um período de crise (ou também de “tentação”, se o virmos de outro ponto de vista), no qual parecem surgir menos equilíbrios aparentemente consolidados. Ninguém é

imune da possibilidade de “deslizes” afetivos, em nenhuma idade da vida (pense-se, por exemplo, no tema dos “enamoramentos senis”).

Trata-se, portanto, de ajudar a consciência de cada frade a propósito de tais temas, com a possibilidade de referir-se a relações sadias de ajuda que podem ser ativadas no momento de necessidade. Neste âmbito, talvez também mais do que em outros, é muito difícil sair sozinho das dificuldades e é necessária a ajuda de alguém confiável e competente.

A propósito da vertente mais propriamente sexual, que nem sempre tem a ver com um grande enamoramento, trata-se talvez de recuperar também a atenção à dimensão ascética e à capacidade de renúncia que também, se não suficiente, é em todo caso necessária para viver o voto de castidade. Também a este respeito se deveria ajudar a oposição a uma cultura do “tudo é lícito, sempre”.

O discurso precedente, em algum caso individual, mas não sempre, pode-se resolver com o tema mais amplo das “dependências”, entendendo com este termo o hábito ao apego e dependência de substâncias, de hábitos ou comportamentos nocivos<sup>4</sup>, pelos quais o sujeito não é mais capaz de viver sem alguma coisa ou de administrar de maneira razoavelmente livre a fruição de alguma coisa: todos podemos beber um copo de vinho, mas isto não significa ser alcoólatra. O problema, portanto, nasce quando não se pode mais viver sem ele, e isto acaba por lesar a nossa liberdade. Em todos estes casos, o problema não é um episódio isolado que permanece isolado, mas o desenvolvimento de um hábito nocivo. Uma característica das pessoas com dependências, infelizmente, é o fato de negar esta necessidade, dizendo: “posso deixar quando eu quiser”. Esta afirmação é um alento dirigido a si mesmo, mas frequentemente não corresponde à realidade; resta verdade que

---

<sup>4</sup> Os exemplos conhecidos são vários e alguns desses dizem respeito também aos frades, em medida maior ou menor: uma forma socialmente aceita de dependência é o hábito de fumar que, embora tendo consequências conhecidas no plano da saúde, continua a interessar a muitas pessoas; outra forma igualmente bem conhecida de dependência é o alcoolismo; outra é a da pornografia, hoje sobretudo digital e acessível na web; outra ainda em grande desenvolvimento em alguns países é a ludopatia, isto é, a dependência do jogo de azar nas suas várias formas mais simples ou elaboradas; uma “forma clássica” é a tóxico-dependência, com a mudança das substâncias segundo os anos e as “modas”; enfim, outro exemplo é a dependência patológica da comida, que assume a forma da bulimia ou, paradoxalmente, também a da anorexia.

um percurso de recuperação se torna possível somente quando o interessado reconhece que há uma dificuldade.

Todas estas dependências, além de serem elas próprias um problema, são frequentemente o sintoma de complicações ou mal-estar mais profundos que devem ser levados a nível de consciência e enfrentados para se tentar um percurso de recuperação da própria liberdade. Às vezes, o indivíduo “difícil” no interior da fraternidade é só o elemento “sintomático” de um sistema problemático, o elo fraco de uma cadeia que requer atenção. Nestes casos, a cadeia que deve ser examinada é o conjunto da fraternidade com os seus estilos relacionais.

E aqui também fica evidente de novo a necessidade de pedir ajuda a outro e de aceitar a proposta de ajuda que vem de quem está interessado no bem da pessoa.

Esta proposta de ajuda, nas nossas fraternidades, deveria vir dos confrades, quando se dão conta do problema, especialmente do guardião. Às vezes, no entanto, assistimos a situações em que os frades ou não se dão conta de fato das dependências que afligem um confrade ou, se são conscientes delas, as justificam como “hábitos individuais” ou “características pessoais”. Não raramente, quando os problemas de um frade o levam a pedir para sair da Ordem, acontece que os membros da sua fraternidade afirmem que não perceberam nada. Isto é verdade não só no caso das dependências (que talvez frequentemente levam a pedidos de saída da Ordem), mas também nos casos de envolvimento afetivos com outras pessoas, de que falamos antes.

Em ambos os casos, seja quando não se percebe seja quando se justifica o injustificável, parece disparar uma espécie de cumplicidade que nasce de um conceito errado de discricção que poderia na realidade esconder, embora inconscientemente, a pergunta de Caim: “sou talvez o guarda de meu irmão?” Às vezes, vem à tona justamente um distorcido sentimento de solidariedade, pelo qual não só se justifica o irmão problemático, mas até o defende diante

dos superiores ou de outros frades, eventualmente atirando contra que levanta o problema.

Certamente, não somos chamados a ser indiscretos ou invasores da privacidade, mas existe um nível de envolvimento fraterno ao qual nenhum membro da fraternidade pode subtrair-se. Se a gente percebe o problema de um irmão, além de falar com o interessado, será útil falar com o responsável da própria fraternidade, de modo construtivo, como forma de ajuda ao irmão. Tudo isto nos reconduz a um clima ou um estilo fraterno que devemos promover e cultivar nas nossas comunidades.

Não se deve esquecer, no entanto, que a fraternidade nem sempre pode chegar a resolver ou enfrentar corretamente todos os problemas dos frades: às vezes, a forma mais amável de ocupar-se de um confrade é a de acompanhá-lo para pedir ajuda de um perito.



III

PARA OLHAR  
PARA FRENTE  
E CAMINHAR JUNTOS



Depois de ter lançado um olhar sobre os dados e de ter refletido sobre as possíveis interpretações, gostaríamos nesta última parte de propor algumas “pistas de ação” para um futuro próximo. Dada a diversidade dos contextos culturais e a complexidade de cada caso, este subsídio não pretende julgar os frades que saem da Ordem para depois propor leituras e, muito menos, soluções apressadas. As nossas reflexões e interrogações pretendem ser antes um convite a entrar em diálogo nos vários níveis da Ordem sobre o tema dos abandonos sem cair nas armadilhas do moralismo ou do alarmismo e sem permanecer em uma atitude de indiferença diante da experiência difícil que uma saída representa para todos os frades envolvidos. Seria, portanto, auspicioso que as propostas seguintes servissem para a partilha entre nós, primeiro em nível das *Conferências dos Ministros provinciais*, que depois seriam convidadas a sugerir propostas a cada entidade, particularmente aos *responsáveis pela formação dos Under ten* e aos *moderadores da Formação permanente e aos guardiães*.

### 1. *Aprofundar a integralidade da formação permanente e inicial*

Em um contexto caracterizado, como já foi dito, pela incerteza e pela provisoriedade das decisões, a tarefa do acompanhamento do itinerário formativo de cada frade representa um desafio muito comprometedor para todas as partes envolvidas (frade em formação inicial ou permanente, formadores e guardiães, ministros). Em alguns casos, somos tentados a simplesmente resignar-nos e de render-nos a uma visão muito pragmática da formação; em outros casos, o risco é talvez o de reagir de modo muito diretivo às novas situações em formação. Exatamente por isso, alguns documentos recentes da Igreja estão sublinhando a importância de uma integralidade da formação que vá além do simples “laissez faire” e do formalismo clássico. Assim diz um documento recente da Santa Sé, o qual, embora dedicado expressamente à formação para o sacerdócio, pode ser aplicado apesar de tudo à formação de todos os frades:

O conceito de formação integral reveste a máxima importância, uma vez que é a própria pessoa na sua totalidade, com tudo o



que é e com tudo o que possui, que está a serviço do Senhor e da comunidade cristã. O chamado é um ‘sujeito integral’, ou seja, uma pessoa pré-escolhida para alcançar uma sólida interioridade, sem divisões e dicotomias. Para chegar a tal objetivo, é necessário adotar um modelo pedagógico integrado: um caminho que permita à comunidade educativa colaborar com a ação do Espírito Santo, garantindo o justo equilíbrio entre as diversas dimensões da formação<sup>5</sup>.

É verdade que, em alguns casos, o abandono de um frade é uma “consequência lógica” de um discernimento que faltou durante as primeiras etapas da formação, mas há também outros casos em que os frades “perderam” a sua original integridade vocacional, talvez também por causa de um ambiente em fraternidade que não favoreceu o necessário amadurecimento da sua identidade franciscana. São estes os casos que devem tornar-nos reflexivos e disponíveis para interrogar-nos. Como melhorar o discernimento vocacional nas várias etapas do processo formativo? Como introduzir todos os frades, sobretudo os da formação permanente, em uma experiência “forte” de Cristo que, por si só, seja capaz de contrabalançar as fortes tendências ao relativismo e às polarizações nas nossas sociedades? Como educar para uma fé que consiga comunicar-se tanto no interior da fraternidade, partilhando com os confrades, como no exterior através do diálogo com o mundo atual? Como acompanhar o amadurecimento da fé dos frades em direção a uma espiritualidade profundamente radicada no mistério do amor trinitário e, ao mesmo tempo, aberta aos novos desafios tecnológicos, mas sobretudo sociais e ecológicas? Em suma, como ajudar os frades a desenvolverem uma identidade franciscana dinâmica que não termine com a profissão solene, mas que continue a aprofundar-se mediante a sua missão e seu compromisso profissional no mundo atual? A interpretação dos dados estatísticos demonstrou que a fadiga dos frades leigos em aprofundar a sua identidade franciscana foi devida, para boa parte, a uma falta de sensibilidade para com a mesma identidade franciscana

---

<sup>5</sup> Congregação para o clero, *O dom da vocação presbiteral. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (2016), n. 92.

em fraternidade que nos deveria acomunar a todos, frades leigos e sacerdotes.

## 2. *Para um modelo relacional da autoridade*

Enquanto muitos frades que pedem uma dispensa dos votos frequentemente indicam como “causa” oficial da sua saída o fato de ter estabelecido uma relação exclusiva com outra pessoa, um olhar mais de perto revela que, na origem da sua crise vocacional, quase sempre havia uma desilusão que dizia respeito também a outros âmbitos: a qualidade das relações em fraternidade e o modo com que as autoridades na Província reagiram à crise deles são os que mais recorrem, mas não absolutamente os únicos. É verdade que muitas vezes os próprios frades tiveram expectativas excessivas ou irrealistas diante de suas fraternidades. Pode ser que também usem a racionalização para justificar a sua decisão de abandono. Mas, visto que também os frades que permanecem na Ordem comunicam certo mal-estar em nível de organização da vida comunitária e da comunicação com os responsáveis na fraternidade, a crítica dos frades que saem não deveria ser subestimada.

Poderia ser que hoje as atividades pastorais e os compromissos sociais dos frades exijam uma flexibilidade e mobilidade maior, sem que nem sempre se leve isto em consideração em nível da programação e comunicação em fraternidade.

Se notamos uma queda de motivação em levar a sério os compromissos na fraternidade, temos coragem de buscar o diálogo e o confronto com os membros da fraternidade para chegar a modalidades mais adequadas para encontrar-nos?

Houve tentativas de pedir ajuda externa para acompanhar certas situações difíceis na fraternidade (ajuda proveniente dos definidores ou de outras pessoas idôneas?

Já há algum tempo na nossa Ordem que se fala de uma preparação mais qualificada para o serviço do guardião, sobretudo

quando este serviço não é concebido só em termos de administração, mas também de animação e de cuidado da vida de fé dos frades. Como são atualmente preparados e acompanhados os frades que desenvolvem este serviço de compromisso nas nossas fraternidades?

Os documentos recentes da Igreja recordam-nos que um dos desafios atuais para a Vida consagrada consiste exatamente no desenvolvimento de novas formas de liderança mais adequadas para a situação de transição em que se encontra a Vida consagrada atualmente. Parece que o serviço da autoridade hoje é ainda possível, mas só na base de um projeto, partilhado na Província, de critérios partilhados entre os frades, e de um estilo comunicativo com os membros que seja ao mesmo tempo claro e empático. Falando dos abandonos dos frades, um dos desafios talvez é encontrar o justo equilíbrio entre dois aspectos: de uma parte, uma formação gradual e coerente dos frades para uma concepção madura da obediência como abertura à escuta recíproca, ao co-discernimento da vontade de Deus e à solidariedade para com as necessidades reais da fraternidade; de outra parte, a disponibilidade para desenvolver um estilo de liderança que tenha as características de um serviço “evangélico” e de partilha responsável em vista de um projeto comum. Tudo isto é bem expresso no documento da Santa Sé *Para vinho novo odres novos*:

Na mais ampla visão sobre a vida consagrada elaborada desde o Concílio, passou-se da centralidade do papel da autoridade para a centralidade da dinâmica da fraternidade. Por isso, a autoridade só pode estar a serviço da comunhão: um verdadeiro ministério para acompanhar os irmãos e irmãs para uma fidelidade consciente e responsável. De fato, o confronto entre irmãos ou irmãs e a escuta de cada pessoa tornam-se um lugar imprescindível para um serviço da autoridade que seja evangélico [...] Na relação superior-súdito, o desafio é o de uma partilha responsável de um projeto comum<sup>6</sup>.

---

6 CIVCSVA, *Para vinho novo odres novos: a Vida consagrada e os desafios ainda abertos*. Orientações (2017), n. 41-42.

### 3. *Preparação dos Ministros, Guardiães, Formadores, Guias espirituais, Animadores vocacionais*

Para falar de formação, na nossa Ordem recorremos frequentemente ao conceito de “acompanhamento”. O método do acompanhamento retoma a relação fraterna, isto é, o estar ao lado uns dos outros, reconhecidos como irmãos, como aqueles com que se tem alguma coisa em comum. O acompanhamento, entendido deste modo, oferece uma ocasião a todos os frades (não só aos formadores) de viverem um compromisso que não é alguma coisa de estranho à nossa vida, mas antes uma forma e uma missão, algumas vezes até exigente, da vida fraterna.

Para nós, frades, o acompanhamento se entende em dois níveis:

1. Acompanhamento de grupo – substancialmente se realiza em toda a vida da fraternidade com particular atenção ao momento do Capítulo ou das reuniões fraternas.
2. Acompanhamento pessoal por parte dos frades encarregados: os Ministros, os Guardiães, os formadores e os guias espirituais (cf. RFF 92.98-104).

O acompanhamento de grupo implica aquele acompanhamento fraterno que reciprocamente nos oferecemos a nós mesmos, pelo fato mesmo que vivemos em uma fraternidade, não sozinhos, e, portanto, onde temos outros irmãos ao nosso lado em cada fase da nossa vida, desde o ingresso na Ordem até o fim da vida, também como apoio para crescermos na fidelidade vocacional.

O acompanhamento pessoal deverá, ao contrário, prestar muita atenção à relação com algumas figuras “institucionais”: o Ministro, o Guardião, os formadores, os guias espirituais, os animadores vocacionais. Todos estes têm uma tarefa que é, sem eliminar o aspecto “organizativo” (para o Provincial, por exemplo, o de “distribuir os frades nos lugares”), sobretudo a de vigilância, de custódia, de cuidado: visitar, exortar, confortar, admoestar os frades. Portanto, a relação entre acompanhante institucional e os frades é referente às

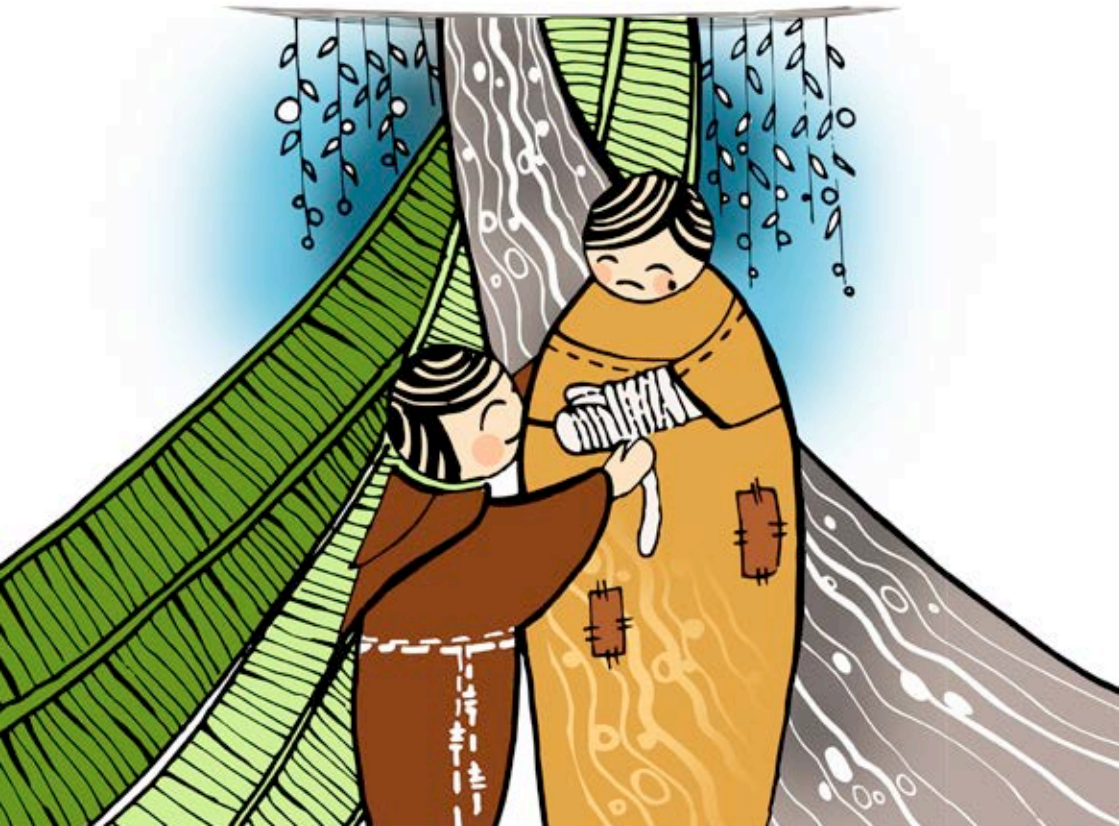
relações interpessoais que não são só as organizativas e/ou jurídico-administrativas. Se o acompanhamento pessoal diz respeito às relações interpessoais entre o Ministro, o Guardião etc. e os frades – as quais são sempre delicadas, como observamos – o papel dos acompanhantes toca diversos aspectos e áreas humanas e fraternas que exigem mais de uma competência. Então, é necessário dar espaço à preparação dos acompanhantes a fim de que possam adquirir pelo menos algumas das competências necessárias para a gestão das relações na vida cotidiana de uma Entidade ou fraternidade.





IV

# PROPOSTAS CONCRETAS



## 1. *Propor o tema da identidade franciscana aos frades Under ten*

Durante os primeiros dez anos depois da profissão solene, os frades se veem muitas vezes confrontados com a prova de desenvolver uma identidade franciscana que “resista” aos desafios e pressões da vida cotidiana, também às provenientes da sua vida apostólica e de trabalho. Os frades estão, portanto, em busca de modelos que os ajudem a encontrar seu equilíbrio e uma síntese da própria identidade franciscana.

Uma primeira reação ao fenômeno dos abandonos poderia ser, por isso, uma oferta de programas formativos, especialmente em nível das Conferências dos Ministros provinciais, dedicados ao tema da identidade franciscana dos frades *Under ten*.

Um aspecto a aprofundar poderia ser uma concepção dos votos religiosos não tanto em chave moral ou ascética, mas como uma oportunidade para crescer na integração entre a própria vocação franciscana e a vida cotidiana. Os frades *Under ten* seriam convidados a refletir e partilhar sobre seu modo de perceber a sua identidade franciscana: por exemplo, quais alegrias e fadigas estou experimentando na minha vida franciscana atual? O que me ajuda a crescer na minha vocação? Quais são os momentos de dúvida ou de crise? O que me faz “estar” na minha vocação, apesar das dificuldades encontradas?

O objetivo seria o de tornar os frades *Under ten* guardas mais conscientes da sua vocação e de transmitir um conceito de Fidelidade e Perseverança mais maduro e operativo, isto é, a serviço do dom recebido. Em última análise, o amadurecimento na identidade franciscana só é possível dentro de um horizonte de esperança. Por isso, se deveria propor a eles uma perspectiva de esperança realística, isto é, baseada na realização dos valores em um contexto que conhece também muitos limites.

Entre estes limites há também, por exemplo, a dificuldade do diálogo entre as diferentes gerações de frades, a qual pode tornar-se



também um motivo de abandono. Às vezes, estas incompreensões de geração são somente exteriores ou formais; no entanto, é importante conseguir entrar em comunicação e em diálogo, partilhando as diferentes sensibilidades.

Se ainda não existem linhas-guias para a formação e o acompanhamento dos frades *Under ten* em nível de cada Província ou Conferência, seria muito útil elaborar tais linhas-guia em vista de uma possível colaboração interprovincial para a formação dos frades *Under ten*.

## 2. *Refletir e partilhar sobre a “crise” como oportunidade de uma “segunda decisão” vocacional*

As respostas dos frades ao questionário (cf. segunda parte deste subsídio) colocaram em evidência certa fadiga no que diz respeito à comunicação e à partilha em fraternidade. Frequentemente se encontra um tipo de “impasse” ou bloqueio relacional que não facilita uma partilha que busque acolher também os momentos de fragilidade e crise de cada frade. Este clima não favorece a possibilidade de que um frade em crise vocacional possa encontrar em tempo útil a coragem de abrir-se e de confiar-se, na situação de dificuldade, aos frades da sua comunidade.

Uma modalidade para poder fazer frente a estes inconvenientes poderia ser a de prever, na programação da Formação permanente extraordinária e ordinária, espaços que abram o caminho para uma comunicação sobre alguns temas mais próximos da situação existencial dos frades. Poder-se-ia convidar os frades a uma partilha sobre temas semelhantes a estes: como reajo às dificuldades, mas também às riquezas que percebo na minha fraternidade atual? Como se poderia melhorar a qualidade da comunicação e das relações em comunidade? Quais são os motivos pelos quais alguns frades permanecem às margens da comunidade? Qual tipo de diálogo buscamos manter com eles?

Sempre em nível da Formação permanente extraordinária e ordinária se poderia propor o tema da crise vocacional e da inevitabilidade de uma “segunda decisão” no caminho vocacional de cada frade. Visto que São Francisco (cf. por exemplo a *Carta a um ministro*) e Santa Clara (cf. Cartas a Inês de Praga etc.), mas também outros autores da tradição ascético-mística franciscana falam explicitamente da possibilidade de uma crise exatamente durante os percursos do crescimento espiritual, se poderia encorajar os frades a uma partilha com relação aos seus momentos de crise e sobre como encontraram a coragem de “permanecer” na sua vocação.

Obviamente, serve todo um caminho preparatório para aproximar-se deste tema, e é indispensável estabelecer um clima de confiança e discrição para poder-se abrir à partilha. O objetivo seria de uma parte o de “normalizar” o fato da crise espiritual e vocacional; de outra parte, o de mediar uma imagem mais positiva do “permanecer” (antes que do “fugir”) no momento da crise. Como recordam vários autores, a palavra “crise” provém da palavra grega “krinein”, que significa “joeirar” e “peneirar” com uma função positiva: separar aquilo de que não se necessita daquilo que é válido e traz vida em si. A crise deveria tornar-nos não somente vigilantes, mas sobretudo atentos aos sinais de nova vida dentro de nós e ao redor de nós.

Obviamente, seria também oportuno recordar neste contexto que geralmente não se supera a crise a sós. Sair da angústia e da solidão para abrir-se a um outro muito frequentemente já é o primeiro passo para sair da própria crise. Seria, portanto, necessário sensibilizar os frades a respeito da importância de buscar, em tempo útil, a ajuda de um confrade, de um acompanhante espiritual ou – se necessário – de uma pessoa com uma qualificação profissional (psicológica e/ou médica).

### 3. *Propor fraternidades para um período de “renovação franciscana”*

Como já foi colocado em evidência, o processo de decisão em vista de uma fidelidade vocacional não se conclui com a profissão solene, mas continua por toda a vida. Aquilo que foi dito da formação dos frades *Under ten* vale para todos os frades. Os dados estatísticos, porém, mostram um pico das saídas entre os frades dos 35 aos 50 anos de idade. Os motivos deste fenômeno podem ser vários (cf. a segunda parte deste subsídio): um primeiro balanço da vida vivida até aquele momento, uma crise de meia idade, uma carga excessiva de trabalho, a consciência de que os tempos para iniciar uma “segunda vida” estão se esgotando etc. A este respeito se poderia refletir sobre e como poder oferecer aos frades neste período um momento de “parada”<sup>7</sup>, de introspecção e de “renovação franciscana”.

Além disso, seria importante apresentar esta proposta como uma oportunidade aberta a todos os frades que desejam aprofundar o seu conhecimento do carisma franciscano em diálogo com o seu conhecimento de si. A motivação para tomar para si este tempo de “verificação” do próprio caminho vocacional deveria ser positiva, com um programa de acolhida, animação da oração e acompanhamento que seja atraente para os frades. Poder-se-ia oferecer este período de “renovação franciscana”, por exemplo, em um momento de transição de uma tarefa a outra ou de uma comunidade a outra (que às vezes são também momentos de crise ou, pelo menos, de balanço da vida até agora vivida).

Embora conscientes das dificuldades de diferentes gêneros que isto poderia comportar, convidamos as Conferências dos Ministros provinciais ou também cada Província/Entidade a refletir sobre a possibilidade de propor aos frades que o desejem uma experiência de parada e de “renovação franciscana” (de diferente duração, dependendo dos casos) para aprofundar a sua “segunda decisão” espiritual e existencialmente. Para esta finalidade, seria necessário

---

7 Na Ordem tem-se usado o termo “moratorium” para indicar um período de parada (cf. Mandato n. 10 do Capítulo Geral 2009, em *Portadores do dom do Evangelho*, e *Uma parada para discernir. Subsídio do Definitório Geral OFM para o Moratorium* (1º de janeiro de 2010).

individualar algumas fraternidades idôneas para assumirem este serviço, fraternidades que estivessem em condições de oferecer um acompanhamento espiritual mais assíduo e – se necessário – também profissional.

Poder-se-ia talvez fazer referência aos lugares e santuários franciscanos já existentes, colocando eventualmente à disposição uma equipe de frades que tenham meios e competências para oferecer um acompanhamento de qualidade. Vista a diversidade das situações na Ordem, seria tarefa das Conferências ou também de cada Província estabelecer concretamente as modalidades deste “tempo de renovação franciscana” e as formas de cooperação entre os responsáveis dos frades que pedem para fazer esta experiência e as fraternidades disponíveis para acolhê-los.

#### 4. *Elaborar programas para a preparação específica dos ministros e guardiães*

Os dados e as interpretações apresentadas mostram que os frades em crise vocacional muito frequentemente têm necessidade não só de acompanhamento pessoal de um diretor espiritual ou de um profissional, mas de uma real relação com os representantes institucionais da Ordem, porque é em relação com estes que o seu senso de pertença pode “curar-se” e restabelecer-se. Dada a delicadeza da tarefa do Ministro ou do Guardiã nas situações em que deve encontrar uma síntese entre os aspectos pessoais e os mais institucionais envolvidos, este serviço não pode ser deixado só à intuição ou à improvisação de cada um, mas requer – como já foi explicado – uma preparação mais específica.

Propõe-se, então, que se elaborem em nível das Conferências dos Ministros provinciais (em colaboração com toda a Ordem) programas ou itinerários para a preparação/formação mais específica dos Ministros e Guardiães em referência ao acompanhamento específico oferecido por eles, que é naturalmente diferente daquele dos formadores ou dos diretores espirituais.

Estes programas poderiam incluir vários âmbitos segundo a situação e as exigências concretas culturais e jurídicas da Conferência. Mas seria sempre necessário incluir de algum modo nos programas as três seguintes áreas:

- Área fraterna de animação: formação para a elaboração comum de um projeto de vida; gestão dos capítulos locais ou de outros encontros, gestão dos conflitos e das relações ordinárias etc.
- Área do acompanhamento personalizado: formação para a escuta empática; para o discernimento das motivações e dos ideais dos frades envolvidos; competências e amplidão de perspectivas para acompanhar processos de crise e de “segunda decisão”; clareza no que diz respeito aos aspectos essenciais da identidade franciscana etc.
- Área jurídica e administrativa: formação para adquirir as competências necessárias a respeito das próprias tarefas administrativas, os espaços e os limites da gestão da própria autoridade, os riscos ligados à vida dos frades e da Entidade/fraternidade, tendo bem presente a interação com a sociedade e a cultura circunstante, não excluída também a legislação civil etc.



## CONCLUSÃO

Depois de ter lançado um olhar sobre os dados e de ter apresentado possíveis interpretações e “pistas de ação”, não nos resta outra coisa que reconhecer os limites da nossa tentativa de ir além das “leituras simplistas” e soluções apressadas frequentemente dadas a um fenômeno que permanece complexo, mas plenamente “explicável” em nível racional.

Ligar-se de maneira definitiva e dizer em liberdade o próprio “sim” não resulta fácil a ninguém, dado o caráter fragmentário da nossa vida, e, se o conseguimos, é devido somente a Jesus Cristo que se doou sem reservas para tornar-se o “sim definitivo” do Pai a este mundo (cf. Jo 3, 16). A fidelidade vocacional só é possível para quem está em condições de descobrir em Cristo o “todo no fragmento” da sua vida (cf. H.U. von Balthasar).

Neste sentido, auguramos que a incompletude deste subsídio possa tornar-se uma oportunidade para cada um dos destinatários, suscitando novas perguntas, novas reflexões, uma maior sensibilidade nos confrontos do tema e, não por último, uma disponibilidade para agir onde e quando for possível. Se isto acontecer, o objetivo deste subsídio terá sido amplamente alcançado.





# APÊNDICE

## MEIOS PARA UM PROCESSO DE REFLEXÃO



## **MEIOS PARA UM PROCESSO DE REFLEXÃO**

Para facilitar a partilha e a discussão, são fornecidos os seguintes textos e perguntas de reflexão.

*As seções A e B podem ser utilizadas para estimular a reflexão nas Conferências, Províncias e Custódias.*

*A seção C oferece meios para uma reflexão mais ampla no contexto de um programa de Formação Permanente.*

## SEÇÃO A

### O contexto em que vivemos e como os abandonos nos dizem respeito

“Eu, Frei N, com fé firme e vontade decidida, faço voto a Deus Pai santo e onipotente de viver por todo o tempo da minha vida em obediência, sem nada de próprio e em castidade”.

*“Em algumas partes do mundo, vivemos tão imersos em uma ‘cultura da indecisão que considera impossível ou até mesmo insensata uma escolha por toda a vida’. A tendência a uma ‘paralisia de decisão’ não diz respeito somente aos jovens, mas também aos adultos que não sabem mais transmitir a beleza de uma fidelidade por toda a vida” (Introdução).*

1. Você reconhece uma “cultura da indecisão”?
2. De que modo os frades mais idosos podem evitar adquirir a mentalidade da cultura dominante do compromisso provisório e, ao contrário, experimentar e comunicar a beleza de um compromisso que dura por toda a vida?
3. De que modo você foi influenciado pelo abandono de frades? O abandono deles levantou dúvidas sobre a sua própria vocação?
4. Você pode dar razões honestas e satisfatórias para permanecer?

## SEÇÃO B

### As Quatro Propostas Concretas

1. Propor o tema da identidade franciscana aos frades *Under ten*
  - Quais experiências são feitas e o que se pode melhorar sobre a proposta da identidade franciscana aos *Under ten*?
  - Estas experiências permitem discussões honestas e abertas sobre os abandonos da Ordem e as razões que estão na base?
2. Refletir e partilhar sobre a “crise” como oportunidade de uma “segunda decisão” vocacional.
  - Como criar um clima de confiança para refletir e partilhar sobre a crise como oportunidade de uma “segunda decisão” vocacional?
3. Propor fraternidades para um período de “renovação franciscana”.
4. Elaborar programas para a preparação específica dos ministros e guardiães.
  - As quatro propostas precedentes são apresentadas neste documento; na entidade de vocês estariam disponíveis meios, pessoal e energias para realizar estas propostas?
  - Quais outras propostas vocês têm para promover a fidelidade e a perseverança no nosso modo de viver?

## SEÇÃO C

São temas importantes no documento:

1. Fraternidade: expectativas e desilusões; as dificuldades de caráter fraterno
2. Fé e crise de fé; o cuidado insuficiente da oração pessoal
3. A importância (preponderante?) do ministério; ligado está o tema do trabalho
4. A identidade franciscana; frades leigos e “clericalismo”
5. O discernimento na formação inicial; a importância da formação permanente
6. Relação com a autoridade – apoio e guia por parte dos superiores

1. *Fraternidade: expectativa e desilusões; as dificuldades de caráter fraterno*

### CCGG ARTIGO 9

§3 Os Ministros, os Guardiães e todos os frades se recordem que a castidade é guardada com maior segurança, quando na vida comum está em vigor a caridade; por isso, vigiem para que na Fraternidade seja promovido o amor fraterno.

### ARTIGO 40

Visto que cada frade é um dom dado por Deus à Fraternidade, os frades, mesmo se dotados de caráter, cultura, costumes, talentos,

atitudes e qualidades diferentes, se acolham reciprocamente na sua realidade própria, como são e como iguais, de modo que toda a Fraternidade se torne o lugar privilegiado do encontro com Deus.

## ARTIGO 42

§1 Para promover mais a união fraterna, os irmãos se antecipem na caridade mútua, se prestem serviços reciprocamente com ânimo generoso, apoiem as boas iniciativas e se alegrem pelo feliz êxito do trabalho dos outros.

§2 A vida de comunhão fraterna exige dos frades unânime observância da Regra e das Constituições, igual teor de vida, participação dos atos da vida da Fraternidade, particularmente da oração comum, da evangelização e dos trabalhos domésticos e, igualmente, a entrega, em favor da comunidade, de todos os emolumentos recebidos a qualquer título.

- Você se reconhece a si mesmo e os seus irmãos nos supracitados artigos das Constituições Gerais?
- Consideramo-nos uns aos outros em relação ao “mútuo contrato” que temos em virtude do nosso voto de viver segundo a Regra e as Constituições? Ou temos um código tácito de silêncio?
- Pode fazer uma avaliação honesta e objetiva da sua experiência de vida de fraternidade?
- “*A castidade é apresentada de modo mais seguro quando está em vigor a caridade na vida de comunidade*” – a escassa qualidade da vida em fraternidade leva os frades a buscarem apoio e compreensão em outras partes?
- O que seria útil para tornar as nossas fraternidades mais fiéis ao espírito das nossas Constituições Gerais?

- Como podemos melhorar a qualidade da comunicação e das relações na comunidade? Quais são as razões pelas quais alguns frades permanecem à margem da comunidade? Que tipo de diálogo buscamos manter com eles?

## 2. Fé e crise de fé: o cuidado insuficiente da oração pessoal

### CCGG ARTIGO 29

A dimensão contemplativa da nossa vocação franciscana seja alimentada também com novas formas que correspondam à sensibilidade do mundo de hoje, a fim de que aumentem a vontade e os propósitos tanto da oração comunitária como da oração individual.

### ARTIGO 28

§1 Os frades, recordando que todas as outras coisas temporais devem servir ao espírito da santa oração e devoção, cuidem para que tal espírito não sofra algum dano por causa se uma excessiva atividade.

§2 Para guardar em seus corações as coisas boas que o Senhor lhes inspira, os frades adotem a necessária discrição no uso dos meios de comunicação.

- O recente Conselho Plenário da Ordem sublinhou a “*Fraternidade contemplativa em missão*”. Você consegue pensar em um frade ou em frades que encarnaram o espírito de contemplação com um forte espírito de missão? É possível para você?
- A fraternidade promove uma sadia vida de oração e a considera prioritária?

- Podemos ver a crise de fé no sentido positivo de uma oportunidade de crescer e de amadurecer em nossa fé e em nossa relação com Deus?
- Quando a oração é descuidada, então a fidelidade e a perseverança ficam enfraquecidas – é esta a sua experiência?

### 3. *A importância do ministério; ligado está o tema do trabalho*

#### **CCGG ARTIGO 77**

§1 Os frades procurem ter o hábito do trabalho e podem também exercer a própria arte, “contanto que não seja contra a salvação da alma e possam trabalhar honestamente”.

§2 Os frades não se apeguem a nenhum trabalho como próprio, mesmo que o tenham exercido por muito tempo; estejam sempre prontos a abandonar lugares e obras iniciadas e assumir novos compromissos necessários.

#### **ARTIGO 79**

§1 Ao escolher qualquer trabalho ou serviço, leve-se em conta tanto a vida fraterna, local e provincial, da qual nenhum frade deve eximir-se, como a capacidade de cada um, e de tal modo que o trabalho seja assumido e de maneira corresponsável realizado na Fraternidade, segundo as disposições dos Estatutos particulares.

§2 Como retribuição do trabalho, os frades recebam as coisas necessárias, e isto com humildade. No entanto, qualquer coisa que adquirirem com o próprio trabalho ou em razão da Ordem, ou o que receberem de qualquer modo sob forma de pensão, subvenção ou seguro, pertence à Fraternidade.

- Uma carga excessiva de trabalho é uma característica da sua vida?



- Quais são as razões?
  - Menos frades e, por isso, você deve assumir mais papéis?
  - A sua tendência ao supertrabalho ou a dependência do trabalho?
  - O fato de que outros frades não carregam o peso que lhes compete?
- Como podemos alcançar um equilíbrio correto entre trabalho e vida?
- O trabalho pode ser uma via de fuga da fraternidade ou da oração?

#### 4. *A identidade franciscana; Frades leigos e “clericalismo”*

### **CCGG ARTIGO 1**

§1 A Ordem dos Frades Menores, fundada por São Francisco de Assis, é uma Fraternidade na qual, mediante a profissão religiosa, os frades, seguindo mais de perto a Cristo, movidos pelo Espírito Santo, se doam totalmente a Deus amado sobre todas as coisas, vivendo o Evangelho na Igreja, segundo a forma recebida e proposta por São Francisco.

### **ARTIGO 41**

Todos os membros da Ordem são irmãos e menores de nome e de fato, embora exerçam na Ordem ofícios, cargos e ministérios diferentes.

- Ser frades sacerdotes é “opção predefinida” na sua Província ou Custódia? Quanto é difundido um clericalismo não suficientemente consciente do papel dos leigos e de todos os batizados como evangelizadores!

- De que modo a sua Província ou Entidade pode encorajar a vocação à vida de frade leigo?
- Com relação aos frades ordenados, um percentual mais alto de frades leigos abandona a Ordem – você pode explicá-lo?
- 57% dos frades sacerdotes que abandonam a Ordem escolhem tornar-se sacerdotes diocesanos – o que isto lhe diz?

### 5. *O discernimento na formação inicial; a importância da formação permanente*

#### **CCGG ARTIGO 39**

Animados pela caridade de Deus difundida nos seus corações por meio do Espírito Santo, todos os frades nutram sobretudo entre si um espírito de familiaridade e de amizade recíproca; cultivem a cortesia, a alegria do coração e todas as outras virtudes, de modo que, oferecendo um ao outro contínuo estímulo à esperança, à paz e à alegria, cheguem à plena maturidade humana, cristã e religiosa, reunidos em verdadeira fraternidade.

#### **ARTIGO 132**

A fim de que os frades estejam em condições de viver segundo as exigências da comunhão fraterna, do serviço aos homens e da solidariedade com os pobres, deve-se favorecer a aquisição gradual do autocontrole e da abnegação de si a exemplo de Cristo. Portanto, a disciplina deve ser considerada parte necessária da formação global.

#### **ARTIGO 137**

**§1** Cabe a cada frade, como responsável último e decisivo, cuidar e continuar a própria formação permanente.

§2 Visto que a própria Fraternidade é o centro primário da formação permanente, cabe a cada frade, e antes de tudo ao Guardião, a tarefa de procurar com que a vida ordinária da comunidade promova a atividade formativa.

§3 É dever de todos os Ministros e Guardiães, com a ajuda dos respectivos Capítulos, animar e ordenar a formação permanente e prover os subsídios necessários, segundo a norma dos Estatutos.

- A Formação Inicial prepara os frades para o “mundo real”? Há muita diferença entre a vida na Formação Inicial e a vida depois da Profissão Solene?
- Com o número de frades na Formação Inicial em muitas Entidades, há a tentação de resistir aos candidatos?
- Existe um vazio de geração na sua Entidade? Por exemplo, em algumas Províncias, foi observado que alguns frades mais jovens estão excessivamente preocupados com os aspectos exteriores da identidade franciscana e com as práticas litúrgicas. Ao contrário, pode-se observar que estão mais conscientes de que a sua vocação é altamente inconformista e, por isso, necessita de sinais claros e visíveis? Ou estão levando os frades mais idosos a avaliarem melhor a importância da estética, da beleza franciscana na liturgia?
- A Formação Permanente é tomada a sério? O artigo 39 das CCGG fala de “plena maturidade humana, cristã e religiosa” – esta é uma prioridade na sua Entidade?
- A sua Entidade dedica meios suficientes para a Formação Permanente e Inicial – e em particular para a formação de Formadores, de Guardiães e de Ministros?

## 6. *Relação com a autoridade – apoio e guia por parte dos superiores*

### **CCGG ARTIGO 45**

§1 Os Ministros e os Guardiães, estreitamente unidos com os frades a eles confiados, se empenhem em construir a Fraternidade “como uma família unida em Cristo”, na qual, antes de qualquer outra coisa, se busque e se ame a Deus. Sejam eles exemplos em cultivar as virtudes, na observância das leis e das tradições da Ordem.

§2 Para promover uma obediência responsável e ativa, os Ministros e os Guardiães escutem a opinião dos frades tanto individualmente como reunidos; mais ainda, a solicitem e a favoreçam, permanecendo firme, porém, a sua autoridade de julgar e de ordenar o que se deve fazer.

§3 De boa vontade, os frades prestem ajuda aos Ministros e Guardiães, sobre os quais cai maior peso; manifestem as próprias opiniões e coloquem em prática as decisões deles em espírito de fé e com generosidade de coração.

### **ARTIGO 237**

Primeiro dever do Guardião, segundo o direito universal e próprio da Ordem, é o de favorecer o bem da Fraternidade e dos frades, de exercer vigilante cuidado sobre a vida e sobre a disciplina religiosa, de guiar a atividade e de promover a obediência ativa e responsável dos frades em um clima de verdadeira fraternidade.

### **ARTIGO 241**

É próprio do Capítulo local avaliar e promover, através do diálogo, as iniciativas comuns; estimular a concórdia, a ativa e responsável cooperação de todos; examinar e avaliar os trabalhos feitos pela Fraternidade ou de cada frade; tratar dos negócios de maior importância.

## ARTIGO 252

§1 Os Ministros, os Guardiães e os outros frades, para proteger o bem comum e de cada frade, com prudente vigilância e admoestações fraternas, previnam o mal, segundo os próprios meios, e confirmem no bem aqueles que caem.

§2 Se para conservar o bem de cada frade e da Fraternidade os Ministros forem obrigados a admoestar, corrigir ou punir, prestem o seu serviço com benignidade e caridade, segundo as normas do direito universal e próprio da Ordem.

- Qual é o modelo do processo de decisão na sua fraternidade?
- A liderança é demonstrada pelos Superiores locais e Provinciais ou há uma abordagem *laissez faire*?
- Em uma crise, ou se surgisse uma incompatibilidade com esse estilo de vida, você teria confiança de partilhá-lo com seu Guardião ou Provincial? Até que ponto os frades estão bem preparados para empenhar-se de modo sadio e útil nestas crises?



# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	5
1. Viver a própria vocação em um contexto de incerteza.....	5
2. Objetivo deste texto.....	5
I UM OLHAR SOBRE OS DADOS .....	7
1. Os abandonos durante os 15 anos transcorridos de 2003 a 2017.....	8
2. Frades Menores em formação.....	10
3. Professos solenes.....	11
4. Observações conclusivas.....	14
II PARA INTERPRETAR OS DADOS .....	17
1. Pesquisa sociológica sobre a OFM de 2011-2013.....	18
1.1 As dificuldades pessoais.....	19
1.2 As dificuldades de carácter fraterno .....	20
1.2.1 Fraternidade: expectativas e desilusões .....	21
1.2.2 Fé e crise de fé .....	23
1.2.3 Ministério e trabalho.....	25
1.2.4 Frades leigos e clericalismo .....	27
1.2.5 O discernimento na formação inicial .....	28
1.2.6 Relação com a autoridade.....	32
2. Outras considerações .....	34
III PARA OLHAR PARA FRENTE E CAMINHAR JUNTOS .....	39
1. Aprofundar a integralidade da formação permanente e inicial .....	40
2. Para um modelo relacional da autoridade .....	42
3. Preparação dos Ministros, Guardiães, Formadores, Guias espirituais, Animadores vocacionais .....	44

IV PROPOSTAS CONCRETAS .....	47
1. Propor o tema da identidade franciscana aos frades <i>Under ten</i> .....	48
2. Refletir e partilhar sobre a “crise” como oportunidade de uma “segunda decisão” vocacional.....	49
3. Propor fraternidades para um período de “renovação franciscana” .....	51
4. Elaborar programas para a preparação específica dos ministros e guardiães .....	52
CONCLUSÃO .....	55
APÊNDICE .....	57
Meios para um processo de reflexão .....	57









CÚRIA GERAL DOS FRADES MENORES  
Via di Santa Maria Mediatrix, 25  
00165 Roma

[www.ofm.org](http://www.ofm.org)